

Tecnologia, mercado e envelhecimento: os limites da Economia Prateada como solução global

CAIO CÉSAR DIAS PEREIRA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA (UFV)

TECNOLOGIA, MERCADO E ENVELHECIMENTO: OS LIMITES DA ECONOMIA PRATEADA COMO SOLUÇÃO GLOBAL

Este artigo foi desenvolvido com apoio do Grupo Unides/Gegop/CNPq, do CNPq e da Capes

1 INTRODUÇÃO

O envelhecimento populacional é uma das transformações mais marcantes do século XXI, com impactos profundos e irreversíveis sobre a economia global, os sistemas de proteção social e os modelos de desenvolvimento. Em 2020, a Organização Mundial da Saúde anunciou que, pela primeira vez na história da humanidade, o número de pessoas com 60 anos ou mais ultrapassou o de crianças com menos de cinco anos. Já a Organização das Nações Unidas (2022) projeta que esse contingente chegará a 1,6 bilhão até 2050, dobrando em menos de três décadas. Trata-se de uma mudança estrutural que altera a base produtiva, o perfil do consumo, o planejamento urbano e as prioridades das políticas públicas em todo o mundo.

No Brasil, o cenário é igualmente expressivo. Segundo a Plataforma Longeviver (2024), o país já superou o patamar de 15% da população com 60 anos ou mais, marca que caracteriza uma sociedade envelhecida segundo os critérios da OMS. Projeções do IBGE indicam que, até 2070, essa proporção chegará a quase 40%, com a idade média da população saltando para 48,4 anos. Essa transição demográfica ocorre em meio a desigualdades sociais profundas, o que exige que o país repense suas estratégias econômicas, suas políticas de cuidado e sua inserção no debate global sobre longevidade.

É nesse contexto que emerge, com crescente visibilidade, o conceito de Economia Prateada (Silver Economy), um campo interdisciplinar voltado ao aproveitamento das potencialidades econômicas, sociais e produtivas da população com 50 anos ou mais. Muito além de um nicho de mercado, a Economia Prateada tem sido compreendida como um ecossistema que abrange setores como saúde, mobilidade, moradia, turismo, finanças, alimentação, educação ao longo da vida, empreendedorismo e inovação tecnológica. Segundo estimativas da OCDE (2023), o setor poderá movimentar cerca de US\$15 trilhões por ano até 2030, tornando-se um dos motores do crescimento sustentável em sociedades envelhecidas.

Nos países da União Europeia, a Economia Prateada tem sido incorporada a estratégias de inovação e envelhecimento ativo desde a década de 2010. Programas como o Horizon 2020 e a Agenda Digital para a Europa incentivam políticas públicas voltadas à longevidade com base em inovação, inclusão e sustentabilidade. Em contraste, no Brasil, o conceito ainda carece de institucionalização. Embora estados como São Paulo, Paraná e Minas Gerais tenham desenvolvido ações pontuais, não há, até o momento, uma estratégia nacional estruturada que integre a Economia Prateada aos planos de desenvolvimento. Ainda assim, estima-se que o público 60+ já movimente R\$1,8 trilhão anuais em consumo no país (Plataforma Longeviver, 2025), o que evidencia seu peso econômico e o potencial inexplorado.

Apesar do otimismo em torno desse novo campo, a literatura científica ainda carece de maior sistematização e rigor conceitual. Há disputas importantes sobre o que, de fato, constitui a Economia Prateada: trata-se de um novo mercado? De um reposicionamento da política pública? De um discurso normativo construído por interesses institucionais e empresariais? Ou de uma oportunidade concreta de reorganizar a economia em torno da longevidade? Tais questões mostram que o campo ainda se encontra em construção e sujeito a disputas interpretativas.

O presente estudo, derivado de uma revisão sistemática da literatura científica internacional, tem como objetivo analisar como a Economia Prateada tem sido conceituada e

operacionalizada sob a ótica econômica e mercadológica, com base em quatro eixos analíticos principais: (i) definições e delimitações conceituais da Economia Prateada; (ii) os setores econômicos contemplados, (iii) o papel da inovação tecnológica e (iv) as estratégias de empreendedorismo prateado. A pergunta orientadora desta análise é: “Como a literatura científica internacional compreende e discute a Economia Prateada sob a ótica de seus setores econômicos, inovações tecnológicas e possibilidades empreendedoras?”

A revisão foi conduzida seguindo as diretrizes do protocolo PRISMA 2020, a partir da leitura e análise qualitativa de 17 estudos publicados entre 2009 e 2024, identificados nas bases Scopus e Web of Science. Ao oferecer um panorama crítico sobre os enfoques econômicos da Silver Economy, este artigo busca não apenas sistematizar a produção acadêmica sobre o tema, mas também contribuir para o amadurecimento de políticas públicas e estratégias empresariais voltadas à longevidade, sobretudo em países da América Latina, onde os desafios do envelhecimento se articulam a desigualdades históricas e à urgência de inovação social.

2 METODOLOGIA

Este artigo é derivado de um projeto que sistematizou a produção científica internacional sobre a Economia Prateada entre os anos de 2009 e 2024. A presente versão concentra-se nos aspectos econômicos, mercadológicos e tecnológicos associados ao campo, com o objetivo de analisar como a literatura científica tem abordado a Economia Prateada sob essa perspectiva. Especificamente, busca-se:

1. identificar as definições predominantes e suas implicações teóricas e práticas; mapear os principais setores e áreas de atuação vinculados à EP;
2. discutir o papel da tecnologia como vetor de inovação econômica voltada à longevidade;
3. analisar as motivações, desafios e limites do empreendedorismo prateado como fenômeno emergente;
4. e, por fim, refletir criticamente sobre as lacunas, tensões e contradições que atravessam o campo quando concebido a partir de uma lógica predominantemente mercadológica.

A pesquisa seguiu as diretrizes do protocolo PRISMA 2020 (Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses), com fundamentação metodológica baseada também no e-book Aspectos Metodológicos Utilizados na Elaboração de Revisões de Literatura (UFV, 2022), reconhecido como referência nas ciências sociais aplicadas. Foi uma análise de conteúdo a partir de dimensões previamente definidas.

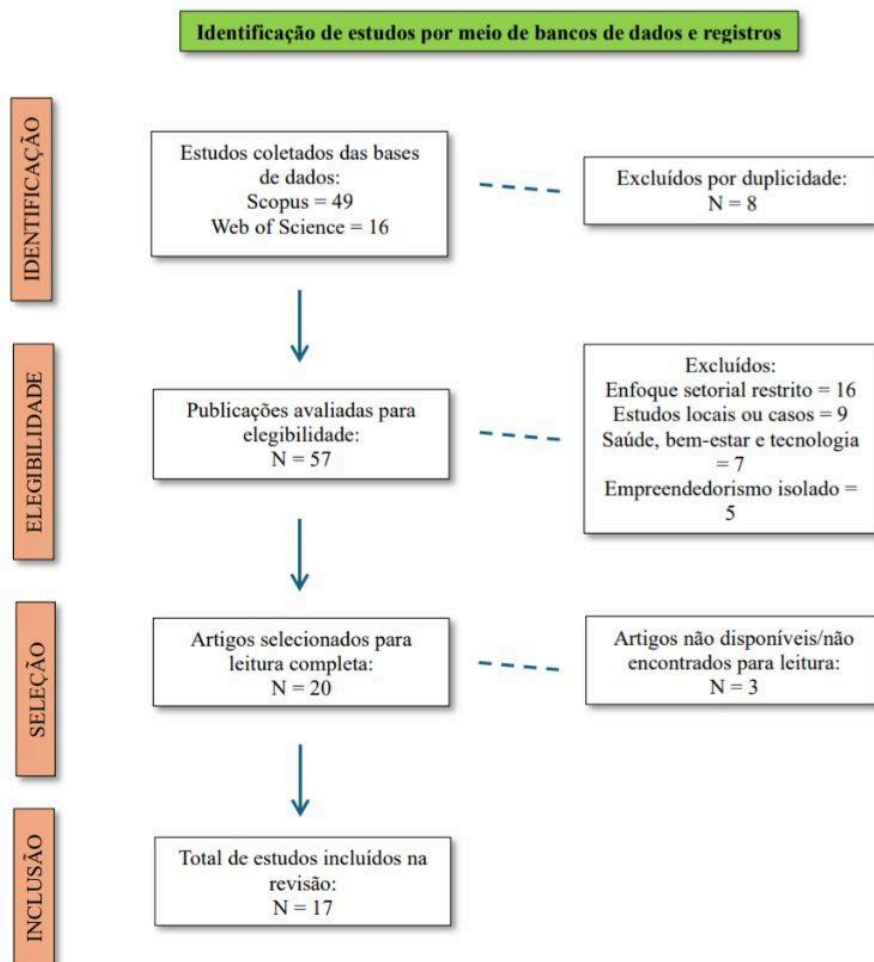
As buscas foram realizadas entre abril e maio de 2025, nas bases de dados internacionais Scopus e Web of Science, amplamente reconhecidas por sua relevância na área de Administração e Ciências Sociais. Foram utilizados os descritores “silver economy” OR “economia prateada”, aplicados nos campos de título, resumo e palavras-chave. O recorte temporal considerou publicações entre os anos de 2009 e 2024, nos idiomas inglês e espanhol. Embora houvesse interesse em incluir publicações em português, nenhum estudo relevante foi localizado nesses idiomas nas bases selecionadas. Para trabalhos futuros, recomenda-se a ampliação da busca em bases como SciELO e BDTD, a fim de incluir a produção científica brasileira não indexada nas plataformas internacionais.

Foram priorizados artigos científicos publicados em periódicos revisados por pares e, complementarmente, incluído um capítulo de livro acadêmico, desde que apresentasse rigor teórico e alinhamento com os objetivos do estudo. A triagem ocorreu em três etapas: identificação, triagem por título e resumo, e leitura na íntegra.

A triagem dos estudos ocorreu em três etapas. Inicialmente, foram identificados 65 artigos, sendo 49 na base Scopus e 16 na Web of Science. Após a remoção de 8 duplicatas, restaram 57 registros únicos. Em seguida, realizou-se a leitura dos títulos e resumos, aplicando os critérios de inclusão: estudos que apresentavam definições, análises conceituais, modelos de aplicação, abordagens políticas ou críticas relacionadas diretamente à Economia Prateada. Foram excluídos 37 estudos por não atenderem aos critérios definidos. As principais razões para exclusão foram: enfoque setorial restrito (n=16), quando os artigos ou capítulos de livros abordavam apenas dimensões específicas como finanças, turismo, marketing, consumo ou produtos, sem discutir a Economia Prateada de forma ampla e conceitual; estudos locais ou de casos isolados (n=9), sem generalização teórica aplicável; foco exclusivo em saúde, bem-estar, arquitetura ou desenvolvimento tecnológico desconectado do conceito de Economia Prateada (n=7); e estudos centrados no empreendedorismo sênior sem relação teórica direta com a Silver Economy (n=5). Ao final da triagem, 20 publicações foram selecionadas para leitura na íntegra. Dessas, 3 não puderam ser acessadas para leitura completa, totalizando 17 estudos incluídos na análise final, sendo um deles um capítulo de livro, o de Klimczuk (2021).

Todo o processo metodológico pode ser visualizado de forma esquemática no fluxograma PRISMA (ver Figura 1), que apresenta os números e critérios adotados nas etapas de identificação, triagem, elegibilidade e inclusão dos estudos.

Figura 1 - Fluxograma do protocolo PRISMA utilizado na revisão sistemática



Fonte: Elaboração própria.

A síntese dos dados foi conduzida a partir de uma planilha estruturada contendo informações como: autor, ano de publicação, país de origem, definição de Economia Prateada utilizada, abordagem teórica, setores contemplados, papel atribuído à pessoa idosa, presença de inovação tecnológica ou social, vínculo com políticas públicas e principais contribuições. A análise foi qualitativa, com ênfase na identificação de eixos temáticos recorrentes e de tensões ou lacunas conceituais entre os estudos. Um resumo dos dados pode ser visto no Quadro 1.

Para a etapa de análise qualitativa dos dados, contou-se com o apoio da ferramenta de inteligência artificial ChatGPT (OpenAI), utilizada de forma criteriosa para auxiliar na organização das informações extraídas dos artigos, redação inicial de quadros comparativos e tradução técnica de trechos específicos dos estudos em inglês e espanhol. O uso da ferramenta foi supervisionado e validado pelo pesquisador, garantindo fidelidade ao conteúdo original e rigor metodológico.

Quadro 1 - Matriz de síntese simplificada

Autor e ano	País	Abordagem	Dimensão(s) abordada(s)
Caridà et al. (2022)	Itália	Descritiva e exploratória	Tecnologia, inovação, políticas públicas
Colurcio et al. (2022)	Itália	Bibliométrica e crítica	Produção científica, inovação social, envelhecimento ativo
Gschwendtner (2020)	Áustria	Normativa-comparativa	Políticas públicas, estratégias governamentais
Stephens (2023)	Reino Unido	Reflexiva e normativa	Aposentadoria, empreendedorismo, família
Griva et al. (2024)	Grécia	Estratégica e descritiva	Gestão pública, inovação, políticas públicas
Klimczuk (2016)	Polônia	Normativa e institucional	Modelos nacionais e regionais, políticas públicas
Lipp & Peine (2022)	Alemanha	Crítica e construtivista	Construção discursiva, inovação, políticas
Rosko-Wójtowicz et al. (2024)	Polônia	Quantitativa e analítica	Desigualdade, condições de vida, política econômica
Urrutia Serrano (2018)	Espanha	Normativa e sociopolítica	Envelhecimento ativo, cidadania, inclusão
Barković Bojanić et al. (2024)	Croácia	Descritiva e aplicada	Empreendedorismo, turismo, envelhecimento ativo

Álvarez Díez et al. (2022)	Espanha	Normativa e estratégica	Empreendedorismo, inovação, educação
Jorge Felix (2016)	Brasil	Propositiva e política	Estratégia nacional, Brasil, políticas públicas
Söylemez & Ay (2022)	Turquia	Estudo de caso	Cidades amigas, urbanismo, envelhecimento
Heffner et al. (2019)	Polônia	Territorial e aplicada	Desenvolvimento regional, envelhecimento
Bieszk-Stolorz et al. (2024)	Polônia	Quantitativa e estatística	Sustentabilidade, comparações regionais
Klimeczuk (2021)	Polônia	Crítica e política	Políticas públicas, inovação, bem-estar
Oget (2021)	França	Crítica e construtivista	Inovação, discurso político, redes

Fonte: Elaboração própria.

3 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A presente revisão sistemática resultou na seleção de 17 estudos científicos publicados entre os anos de 2009 e 2024, que abordam de forma conceitual e analítica o campo da Economia Prateada (EP) em diferentes contextos geográficos e disciplinares. A análise inicial desses trabalhos permite observar tanto o amadurecimento recente da temática quanto a pluralidade de enfoques que a estruturam. Embora a EP já esteja consolidada como categoria discursiva em documentos internacionais e em certas políticas públicas, sobretudo europeias, ainda não há uniformidade teórica, metodológica ou estratégica sobre sua aplicação — o que reforça a relevância da presente sistematização.

Em termos temporais, nota-se uma concentração crescente de estudos a partir de meados da década de 2010, com destaque para o período entre 2016 e 2024. Essa intensificação acompanha o avanço do envelhecimento populacional, especialmente na Europa, e o fortalecimento de agendas institucionais voltadas à longevidade como vetor de inovação e reorganização produtiva. A curva ascendente sugere que a Economia Prateada vem se consolidando tanto como objeto de análise acadêmica quanto como categoria de ação política e mercado promissor.

No que se refere ao idioma e à origem das publicações, todos os estudos foram redigidos em inglês ou espanhol, refletindo a predominância de centros de produção científica localizados na Europa, e, em menor escala, na América Latina e na Ásia. Apesar do crescimento do debate no Brasil, não foram localizados estudos em português que abordem o conceito de forma sistemática nas bases analisadas, embora autores brasileiros, como Jorge Felix, sejam frequentemente citados por suas contribuições iniciais à temática no país.

Geograficamente, a maioria dos estudos tem afiliação institucional ou análises em países europeus, como França, Alemanha, Itália, Espanha, Polônia, Reino Unido e Bulgária, que vêm implementando estratégias explícitas relacionadas à Silver Economy. Também foram identificadas produções no Japão, Coreia do Sul, Turquia e Brasil, oferecendo contribuições variadas e contextualmente situadas. As abordagens metodológicas são majoritariamente qualitativas, baseadas em revisões de literatura, estudos de caso, análises de políticas públicas

e construções conceituais. Parte dos estudos utiliza métodos quantitativos e estatísticos, sobretudo aqueles voltados à avaliação do desempenho da EP em contextos nacionais ou regionais.

Apesar dessa diversidade teórico-metodológica, os estudos convergem no esforço de compreender a Economia Prateada como um fenômeno multidimensional que articula envelhecimento, inovação, consumo, políticas públicas e transformação das estruturas econômicas e sociais. Com base nesse mapeamento, foram identificados oito eixos temáticos principais. No presente artigo, opta-se por um recorte específico voltado à dimensão econômica e mercadológica, com destaque para os seguintes eixos:

- i. Definições e delimitações conceituais da Economia Prateada;
- ii. Setores e áreas econômicas da Economia Prateada;
- iii. Inovação e tecnologia na Economia Prateada;
- iv. Empreendedorismo prateado;
- v. Perspectivas críticas e desafios da Economia Prateada.

A análise crítica desses quatro eixos permitirá compreender como a Economia Prateada tem sido moldada por interesses institucionais e discursos de mercado, ao mesmo tempo em que aponta desafios e contradições para sua consolidação como estratégia de desenvolvimento inclusiva, sustentável e socialmente justa.

3.1 DEFINIÇÕES E DELIMITAÇÕES CONCEITUAIS DA ECONOMIA PRATEADA

A análise dos estudos incluídos na presente revisão revela que a definição da Economia Prateada (Silver Economy) ainda é um campo em disputa conceitual, no qual coexistem abordagens descritivas, normativas, pragmáticas e críticas. Apesar das variações terminológicas e interpretativas, é possível identificar um núcleo comum entre os estudos: a Economia Prateada refere-se ao conjunto de atividades econômicas, políticas e sociais voltadas para a população com 50 anos ou mais, com foco especial nas pessoas idosas, e que envolvem tanto seu potencial de consumo quanto suas capacidades produtivas, criativas e cidadãs.

A origem do termo está fortemente vinculada à União Europeia, que incorporou a Silver Economy (SE) como parte de sua estratégia de envelhecimento ativo e saudável, especialmente a partir da década de 2010. Estudos como os de Caridà et al. (2022) e Bieszk-Stolorz et al. (2024) apontam que a SE foi institucionalizada como área de interesse estratégico, voltada para a promoção de inovações tecnológicas, reorganização do mercado de trabalho e criação de produtos e serviços adaptados à longevidade. Nessa perspectiva, a SE é compreendida como uma ferramenta de desenvolvimento sustentável, capaz de responder às transformações demográficas por meio de soluções econômicas e sociais.

Klimczuk (2016, 2021), um dos autores mais citados na literatura revisada, propõe que a Economia Prateada deve ser entendida como um sistema econômico emergente completo, dotado de dinâmicas próprias de produção, distribuição, consumo e regulação, articuladas à longevidade. Para o autor, a SE não se limita à lógica mercadológica, devendo incluir também as dimensões do voluntariado, da economia do cuidado, da intergeracionalidade e da inclusão social. Essa abordagem amplia o escopo do conceito, aproximando-o de uma economia de bem-estar adaptada ao envelhecimento, e não apenas a uma “nova oportunidade de mercado”.

Outros autores, como Oget (2021), adotam uma perspectiva mais crítica, ao afirmar que a Economia Prateada não é apenas um reflexo do envelhecimento da população, mas uma construção discursiva moldada por promessas econômicas e interesses institucionais. Segundo essa leitura, a SE funciona como um “campo de expectativas compartilhadas”, onde políticas, empresas e tecnologias se articulam em torno de projeções sobre o futuro do envelhecimento.

Nesse sentido, o conceito não é neutro, mas sim performativo: ele ajuda a criar o próprio mercado que diz descrever.

A literatura também aponta para a confusão frequente entre Economia Prateada e Mercado Prateado (Silver Market). Enquanto este último se refere estritamente ao potencial de consumo da população idosa, a Economia Prateada, quando concebida em sua acepção mais ampla, abrange elementos como empreendedorismo sênior, políticas públicas, inovação organizacional, inclusão digital e reconfiguração intersetorial. Artigos como os de Jorge Felix (2016) e Barković et al. (2024) destacam essa diferença como fundamental, especialmente no contexto latino-americano, onde o risco de se reduzir o envelhecimento a um nicho de mercado elitista é particularmente alto.

Além disso, observa-se um deslocamento progressivo nas definições: dos primeiros estudos mais focados em iniciativas tecnológicas e consumo personalizado, avança-se para uma compreensão mais holística, que inclui determinantes sociais da saúde, participação ativa na sociedade e enfrentamento das desigualdades estruturais no envelhecimento. Estudos como o de Urrutia Serrano (2018) e Colurcio et al. (2022) reforçam essa transição, apontando para a importância de associar o conceito de Economia Prateada a valores de solidariedade, sustentabilidade e justiça intergeracional.

Por fim, chama atenção a escassez de definições sistematizadas e indicadores consensuais sobre o que deve ou não ser incluído na Economia Prateada. A maioria dos artigos reconhece a necessidade de padronização conceitual e desenvolvimento de métricas específicas, que permitam não apenas analisar a SE como fenômeno econômico, mas também avaliar sua efetividade como política pública e estratégia de inovação social.

Em síntese, as definições de Economia Prateada variam conforme o enfoque teórico e o contexto sociopolítico, mas tendem a convergir na ideia de que se trata de um campo interdisciplinar e estratégico, atravessado por tensões entre envelhecimento, mercado, Estado e sociedade. A seção seguinte aprofundará como esses conceitos se traduzem, na prática, em setores e áreas de atuação priorizados pelos estudos analisados.

3.2 SETORES E ÁREAS DA ECONOMIA PRATEADA

A Economia Prateada, embora ainda em consolidação teórica, já apresenta uma estrutura prática que atravessa múltiplos setores da atividade econômica. A análise dos artigos incluídos nesta revisão evidencia que a Silver Economy não constitui um setor único ou isolado, mas sim um conjunto intersetorial e transversal de atividades, produtos e serviços voltados às especificidades e potencialidades da população com 50 anos ou mais, especialmente das pessoas idosas.

De modo geral, os estudos revisados convergem ao identificar a presença da Economia Prateada em áreas como saúde, cuidados de longa duração, habitação, turismo, transporte, tecnologia assistiva, educação continuada, finanças, trabalho, lazer, cultura e alimentação. Essa amplitude setorial revela que a SE se posiciona mais como um ecossistema econômico e social da longevidade do que como um mercado segmentado. O termo “ecossistema” é especialmente adequado quando se considera a interdependência entre os setores e a necessidade de articulação entre políticas públicas, empresas, organizações da sociedade civil e redes intergeracionais.

O setor da saúde e dos cuidados de longa duração aparece como o mais recorrente e consolidado. Estudos como os de Klimczuk (2016, 2021), Heffner et al. (2019) e Urrutia Serrano (2018) destacam a crescente demanda por serviços de atenção básica e especializada à saúde, reabilitação, gerontologia, cuidado domiciliar e institucional, bem como a importância de políticas públicas voltadas ao envelhecimento ativo e saudável. O cuidado, nesse sentido, é apresentado não apenas como necessidade, mas como atividade econômica

estratégica, com impacto direto na geração de empregos, inovação de serviços e formação de redes de apoio social.

A habitação e o urbanismo também são setores amplamente citados, especialmente no que diz respeito à adaptação de moradias, construção de residências acessíveis, desenho universal e criação de “cidades amigas da pessoa idosa”. O estudo de Söylemez e Ay (2022) exemplifica essa abordagem ao discutir como as cidades podem incorporar o envelhecimento à sua lógica de planejamento, gerando novos mercados imobiliários e oportunidades para inovação no espaço urbano.

O setor tecnológico aparece com destaque em diversos estudos, mas com interpretações variadas. Enquanto alguns artigos, como os de Caridà et al. (2022) e Bieszk-Stolorz et al. (2024), enfocam a criação de tecnologias assistivas, plataformas digitais e dispositivos voltados à autonomia da pessoa idosa, outros, como o de Oget (2021), fazem uma leitura crítica sobre a tecnologização excessiva do discurso político em torno da Silver Economy, alertando para a distância entre promessas futuristas e as reais condições de acesso e uso dessas tecnologias por grande parte da população idosa. Ainda assim, é evidente que a inovação tecnológica, quando aliada a processos inclusivos, tem papel relevante na formação de novos mercados, como domótica (casas inteligentes), teleassistência, eHealth, robótica social e inclusão digital.

Outro setor frequentemente associado à SE é o do turismo e lazer, principalmente em regiões que já se percebem como “destinos prateados” ou que desenvolvem pacotes adaptados ao ritmo, segurança e interesses de pessoas idosas. Esse fenômeno é bem explorado por Barković et al. (2024) e Heffner et al. (2019), que identificam o turismo sênior como vetor de desenvolvimento local e regional. Atrelado a isso, o lazer cultural, as práticas intergeracionais e os eventos comunitários são apresentados como formas não apenas de movimentar a economia, mas de fortalecer o protagonismo e o bem-estar social da pessoa idosa.

Os setores financeiro e de previdência complementar também são abordados, especialmente nos estudos que discutem o planejamento financeiro da longevidade, a educação previdenciária e os produtos bancários voltados ao público 60+. Nesse sentido, a SE aparece como oportunidade para o redesenho de serviços, criação de novos instrumentos e atenção à segurança patrimonial da pessoa idosa, embora poucos estudos aprofundem o risco de endividamento e exclusão digital nesse setor.

Por fim, merece destaque a inserção crescente da SE em áreas como o trabalho e o empreendedorismo, com especial atenção ao fenômeno do empreendedorismo prateado, sendo melhor explorado, neste estudo, no eixo 4. Os estudos de Álvarez Díez et al. (2022) e Barković et al. (2024) apontam para a valorização de trajetórias profissionais maduras e a necessidade de políticas públicas que incentivem a permanência produtiva das pessoas idosas, seja por meio do mercado formal, seja por via do empreendedorismo, do voluntariado ou de modelos colaborativos. Nesse campo, a SE é vista não apenas como mercado consumidor, mas como espaço de reinvenção da participação social e econômica ao longo da vida.

Resumidamente, a Economia Prateada se constitui por um conjunto interconectado de setores, nos quais a longevidade não é tratada como problema ou sobrecarga, mas como vetor de inovação, redistribuição e desenvolvimento socioeconômico. A articulação entre esses setores é central para que a SE se efetive como política pública abrangente e mercado inclusivo, especialmente em contextos marcados por desigualdades sociais e envelhecimento acelerado.

3.3 INOVAÇÃO E TECNOLOGIA NA ECONOMIA PRATEADA

A inovação tecnológica é frequentemente posicionada como um dos pilares estruturantes da Economia Prateada, aparecendo de forma recorrente na literatura como promessa de modernização, eficiência, qualidade de vida e autonomia para as pessoas idosas. Contudo, a análise dos 17 estudos revela que, embora a tecnologia seja amplamente citada como motor da Silver Economy, suas aplicações concretas, seus impactos sociais e seus limites éticos ainda são objeto de debates intensos e divergentes.

De forma geral, os estudos analisados apresentam duas grandes abordagens: de um lado, a visão que associa a inovação tecnológica à capacidade de ampliar a independência funcional e o bem-estar da pessoa idosa; de outro, uma perspectiva mais crítica, que questiona o uso instrumental da tecnologia como estratégia de mercado e marketing político, com pouca aderência à realidade das populações idosas mais vulneráveis.

Na primeira perspectiva, artigos como os de Caridà et al. (2022) e Bieszk-Stolorz et al. (2024) destacam o desenvolvimento e a difusão de tecnologias assistivas voltadas à mobilidade, monitoramento de saúde, acessibilidade digital, telemedicina, domótica e segurança domiciliar. Essas inovações são vistas como estratégias para prolongar a autonomia das pessoas idosas, reduzir custos com internações e reconfigurar a prestação de serviços de cuidado. Em países como Japão e Alemanha, segundo os estudos, robôs sociais, sensores inteligentes e plataformas de cuidado digital já fazem parte do ecossistema da Silver Economy.

Além disso, alguns autores abordam o papel da inclusão digital como aspecto-chave para a integração da pessoa idosa às dinâmicas tecnológicas da SE. O uso de smartphones, internet, aplicativos bancários, redes sociais e ferramentas de e-learning aparece como oportunidade de aprendizagem ao longo da vida e como forma de combater o isolamento social. Contudo, esse movimento ainda está muito limitado a grupos de renda e escolaridade mais altas, com amplo acesso a dispositivos e redes, o que revela um hiato digital geracional que precisa ser superado com políticas públicas específicas.

Por outro lado, a literatura crítica, como os artigos de Oget (2021), Klimczuk (2021) e Jorge Felix (2016), alerta para os riscos de fetichização da tecnologia na Economia Prateada. Essas análises apontam que o discurso da inovação, muitas vezes, é utilizado como narrativa legitimadora de interesses políticos, econômicos e empresariais, prometendo soluções futuristas e padronizadas que ignoram a complexidade do envelhecimento e as condições reais de vida da maioria das pessoas idosas. No Brasil, onde o acesso à internet ainda é desigual e a formação digital escassa, como evidenciado na Figura 2, tais inovações podem se tornar barreiras, em vez de pontes.

Figura 2 - Acesso à internet no Brasil



Fonte: Poder360, 2023

Oget (2021), por exemplo, mostra como a Silver Economy é frequentemente estruturada em torno de promessas performativas, nas quais a inovação é menos uma realidade implementada e mais um ideal mobilizado para atrair investimentos e moldar redes de inovação. A tecnologia, nesse caso, torna-se um símbolo do “envelhecimento bem-sucedido”, mas essa imagem pode mascarar exclusões e reforçar o idadismo, ao deslocar a responsabilidade do bem-estar para o desempenho individual e o consumo de soluções tecnológicas.

Adicionalmente, diversos estudos alertam para a falta de avaliações críticas sobre o impacto das inovações tecnológicas na vida concreta das pessoas idosas, bem como para a escassez de co-criação e escuta ativa na fase de desenvolvimento dos produtos. Como resultado, muitas tecnologias fracassam em termos de usabilidade, aceitabilidade ou relevância cultural. A ausência de participação das pessoas idosas no processo de inovação, ou sua participação apenas simbólica, reforça um modelo vertical, em que a tecnologia é “entregue” ao público-alvo sem mediação dialógica.

Outro ponto importante refere-se à diferenciação entre inovação tecnológica e inovação social, que aparece com força nos estudos de Colurcio et al. (2022) e Urrutia Serrano (2018). Esses autores defendem que as transformações mais significativas no campo da Silver Economy não se darão apenas via dispositivos e algoritmos, mas por meio da criação de redes colaborativas, serviços centrados na pessoa, modelos de cuidado comunitário e políticas intersetoriais. Nesse sentido, a inovação social aparece como ferramenta complementar, e muitas vezes mais eficaz, para a construção de um ecossistema de longevidade justo e sustentável.

Sinteticamente, a inovação tecnológica é, sem dúvida, um componente central da Economia Prateada, mas seu papel deve ser compreendido com nuance. A tecnologia pode ser uma ponte para a autonomia, a dignidade e o protagonismo da pessoa idosa, mas também pode se transformar em barreira, se for concebida de forma excludente, elitista ou descontextualizada. A revisão aponta que uma Economia Prateada ética e transformadora deve apostar na convergência entre inovação tecnológica e inovação social, com foco na participação cidadã, na redução de desigualdades e no enfrentamento dos estigmas que ainda cercam a velhice.

3.4 EMPREENDEDORISMO PRATEADO

Ainda que a literatura sobre Economia Prateada costuma enfatizar o poder de consumo da população 60+, uma parte significativa dos estudos incluídos nesta revisão destaca a emergência do empreendedorismo prateado (silver entrepreneurship ou olderpreneurship) como uma dimensão estratégica e ainda pouco explorada desse campo. Essa abordagem propõe a valorização da experiência, da autonomia e da capacidade produtiva das pessoas idosas, muitas das quais permanecem ativas, criativas e desejosas de contribuir com a sociedade por meio de iniciativas empreendedoras.

A análise revela que o empreendedorismo prateado surge em dois contextos principais: (1) como resposta às transformações no mundo do trabalho, marcadas pela precarização, aposentadorias insuficientes ou postergadas, e pelo desejo de manter-se economicamente ativo; e (2) como estratégia de reinvenção pessoal, vinculada à realização de sonhos, ao engajamento comunitário, à transmissão de saberes e à ocupação significativa do tempo na maturidade.

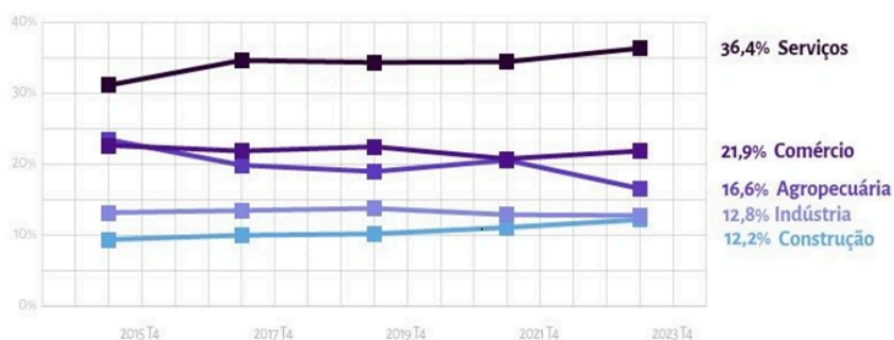
Artigos como os de Barković et al. (2024) e Álvarez Díez et al. (2022) oferecem análises densas sobre esse fenômeno, mostrando que o empreendedorismo na velhice não deve ser visto apenas como extensão da carreira anterior, mas como espaço de reinvenção

identitária, social e econômica. Os autores destacam que, ao empreender, pessoas idosas não apenas geram renda, mas também desafiam estigmas etários, reconfiguram seu papel social e constroem redes de apoio em torno de suas ideias.

Entre os setores mais mencionados para atuação do público 60+, destacam-se: artesanato, alimentação, turismo, serviços culturais, economia criativa, economia solidária, educação, consultorias e negócios intergeracionais. Em muitos casos, o empreendimento está diretamente conectado à biografia da pessoa idosa, sendo uma forma de resgatar saberes acumulados ao longo da vida e colocá-los a serviço da comunidade, como destacado nos estudos de Heffner et al. (2019) e Colurcio et al. (2022).

No Brasil, dados recentes do SEBRAE (2024) revelam que o empreendedorismo sênior no país apresenta forte presença nos setores de serviços (36,4%) e comércio (21,9%), seguidos pela agropecuária (16,6%), indústria (12,8%) e construção civil (12,2%). Esses números (ver Figura 3) indicam não apenas a diversidade de inserção dos idosos no mercado empreendedor, mas também revelam a forte conexão entre experiência acumulada ao longo da vida e a escolha por setores com menor barreira de entrada. A concentração em serviços e comércio, por exemplo, pode estar associada à facilidade de iniciar atividades com menor capital e à possibilidade de utilizar saberes já adquiridos.

Figura 3 - Empreendedorismo Sênior no Brasil



Fonte: Sebrae, 2024

No entanto, a literatura também alerta para os desafios específicos enfrentados pelos empreendedores prateados, entre os quais se destacam: discriminação etária, dificuldades no acesso a crédito, barreiras tecnológicas, baixa familiaridade com marketing digital e escassez de políticas públicas específicas de fomento. Muitos desses entraves são reforçados por uma cultura empresarial e estatal que ainda associa inovação à juventude, desconsiderando o potencial transformador da maturidade.

Apesar disso, há experiências promissoras em países como Alemanha, Japão e Espanha, onde programas de capacitação, mentorias intergeracionais e linhas de crédito adaptadas têm sido criados para estimular o empreendedorismo sênior. O artigo de Jorge Felix (2016), por exemplo, propõe a criação de incubadoras de negócios voltadas à população idosa no Brasil, com apoio técnico, jurídico e psicológico, destinadas à formalização de iniciativas populares ou de base comunitária.

Outro aspecto relevante abordado por autores como Klimczuk (2016) e Urrutia Serrano (2018) é a relação entre o empreendedorismo prateado e a inovação social. Segundo essa perspectiva, o empreendimento na velhice não visa apenas lucro, mas pode ser uma estratégia de transformação coletiva, na medida em que responde a problemas locais, fortalece redes solidárias, promove protagonismo intergeracional e contribui para a construção de sociedades mais resilientes.

Por fim, a literatura destaca que o incentivo ao empreendedorismo prateado exige uma mudança de paradigma nas políticas públicas e no imaginário social. É necessário deixar para trás a ideia de que envelhecer é “sair de cena” e reconhecer que a longevidade, quando apoiada por políticas adequadas, pode ser uma fase de reinício, inovação e impacto. Essa mudança passa por programas de formação continuada, acesso a editais públicos e privados, valorização da experiência nos ecossistemas de inovação e combate ao ageísmo institucional.

Em poucas palavras, o empreendedorismo prateado representa um elo estratégico e simbólico da Economia Prateada, por permitir que a pessoa idosa assuma o papel de protagonista criador, e não apenas consumidor, no cenário econômico. Se adequadamente apoiado por políticas públicas e estruturas inclusivas, esse modelo pode contribuir para a diversificação da economia, a coesão social e a valorização da longevidade como força produtiva, ética e criativa.

3.5 PERSPECTIVAS CRÍTICAS E DESAFIOS DA ECONOMIA PRATEADA

Embora a Economia Prateada seja frequentemente celebrada como oportunidade estratégica de crescimento e inovação diante do envelhecimento populacional, a literatura revisada revela que ela está longe de ser consensual ou isenta de críticas. Os 17 estudos analisados, especialmente aqueles que adotam perspectivas sociopolíticas, críticas ou construtivistas, alertam para os riscos de reducionismo, homogeneização e captura mercadológica. Quando compreendida apenas como nicho econômico ou como discurso tecnocrático descolado da realidade social, a EP pode reforçar desigualdades e limitar sua potência transformadora.

Um dos principais desafios identificados é a representação homogênea da população idosa. Frequentemente retratada como um grupo coeso, urbano, branco, de classe média e tecnologicamente adaptável, essa imagem idealizada ignora as profundas assimetrias que marcam os processos de envelhecimento. Estudos como os de Söylemez e Ay (2022) e Oget (2021) evidenciam que os marcadores de gênero, raça, escolaridade, território, renda e capacidade funcional influenciam decisivamente a forma como se envelhece. A partir disso, emerge o risco de uma “economia da longevidade para poucos”, voltada apenas às camadas mais favorecidas, ignorando idosos periféricos, rurais, racializados ou em condição de dependência.

Outro ponto crítico diz respeito à fetichização da inovação tecnológica, analisada de forma mais detida na seção anterior. Há um entusiasmo generalizado por soluções de alta tecnologia como robótica, domótica, eHealth, inteligência artificial, que nem sempre dialogam com as realidades de grande parte da população idosa, sobretudo em países como o Brasil. Oget (2021) caracteriza esse fenômeno como um “discurso performativo de futuro”, no qual a promessa de inovação atrai investimentos e molda políticas, mas pouco contribui para resolver os desafios cotidianos da longevidade. A ausência de participação efetiva das pessoas idosas nesses processos de inovação também reforça relações assimétricas e paternalistas, incompatíveis com os princípios de envelhecimento ativo e protagonismo cidadão.

Além disso, a literatura destaca o risco de instrumentalização da velhice. Em muitos discursos institucionais, a pessoa idosa passa a ter valor quase exclusivamente por sua capacidade de consumir, trabalhar por mais tempo ou aliviar os gastos públicos com previdência. Klimczuk (2021) e Jorge Felix (2016) alertam que esse paradigma pode reproduzir formas sutis de etarismo, ao premiar envelhecimentos “ativos”, “empreendedores” e “eficientes”, enquanto negligencia idosos em situação de fragilidade, dependência ou vulnerabilidade socioeconômica.

Do ponto de vista estrutural, a ausência de indicadores padronizados, métricas consensuais e mecanismos de governança internacional robustos também é apontada como entrave. Embora experiências locais e regionais floresçam, poucos países adotaram estratégias nacionais consolidadas. Essa lacuna dificulta a avaliação de impacto, a articulação intersetorial e a formulação de políticas públicas coerentes. Klimczuk (2021) defende a criação de instrumentos de governança multissetorial e de marcos regulatórios internacionais baseados na justiça intergeracional e no desenvolvimento sustentável.

Outro aspecto problemático é a recorrente confusão conceitual entre Silver Economy e Silver Market. Muitos estudos utilizam os termos de forma intercambiável, comprometendo a clareza analítica e reduzindo a Economia Prateada a uma simples segmentação de mercado. Essa redução esvazia seu potencial político e social, distanciando o conceito de seu caráter originário de política pública voltada à inclusão, à inovação social e à sustentabilidade demográfica.

Por fim, os autores críticos enfatizam que a EP só poderá se consolidar como um campo ético, transformador e socialmente justo se incorporar, de modo efetivo, os direitos das pessoas idosas, a diversidade dos envelhecimentos e o enfrentamento das desigualdades históricas. Isso implica ampliar o escopo das ações para incluir o cuidado comunitário, o reconhecimento do trabalho informal, o protagonismo feminino e negro na velhice, a educação ao longo da vida, a inclusão de pessoas com deficiência e a democratização do acesso à cultura, mobilidade e renda.

Em síntese, a Economia Prateada representa um campo promissor, mas profundamente tensionado. Seu sucesso, tanto como política pública quanto como ecossistema de inovação, dependerá não apenas de sua capacidade de mobilizar recursos e setores econômicos, mas de seu compromisso com equidade, diversidade e reconstrução ética das relações sociais com a velhice. A consolidação desse campo exigirá menos fetiches tecnológicos e mais escuta, menos mercados exclusivos e mais pactos intergeracionais.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados desta revisão sistemática evidenciam que a Economia Prateada (EP) ainda está em construção conceitual, institucional e estratégica. Embora o termo já tenha sido incorporado a agendas internacionais e a algumas políticas públicas, sobretudo na Europa, sua definição permanece fluida, abarcando desde iniciativas de mercado até estratégias de inovação social e desenvolvimento territorial. Os 17 estudos analisados revelam tanto o potencial econômico da longevidade quanto os desafios para transformá-la em motor de desenvolvimento inclusivo.

A EP é frequentemente associada a oportunidades de consumo, empreendedorismo e reorganização produtiva em resposta ao envelhecimento populacional. No entanto, a análise crítica mostrou que a recorrente confusão entre "Economia Prateada" e "Mercado Prateado" tende a reduzir o campo a um nicho de produtos e serviços voltados a um "sênior ideal": urbano, digitalizado e economicamente ativo. Essa simplificação compromete a efetividade das políticas e o alcance das soluções, especialmente em contextos desiguais como o brasileiro.

Do ponto de vista teórico, o estudo contribui ao destacar a necessidade de delimitação mais clara dos conceitos que estruturam o campo. Tal delimitação é fundamental para orientar políticas públicas, estratégias empresariais e projetos acadêmicos coerentes. Metodologicamente, o artigo reforça o valor de revisões sistemáticas com abordagem qualitativa e analítica, que não apenas organizam a produção científica, mas também articulam ideias e perspectivas em torno de um objeto comum. Essa abordagem é

especialmente relevante para campos emergentes e interdisciplinares como o da Economia Prateada.

Além disso, os resultados indicam que o debate ainda está fortemente concentrado na experiência europeia. A ausência de estudos conceituais produzidos no Brasil revela não apenas uma lacuna na produção científica nacional, mas também a urgência de fomentar pesquisas que considerem o envelhecimento em contextos marcados pela desigualdade, informalidade e exclusão digital. Nesse sentido, as universidades brasileiras têm papel decisivo, tanto na produção teórica quanto na formação de gestores públicos, empreendedores e inovadores comprometidos com a longevidade com equidade.

As contribuições práticas do estudo são igualmente relevantes. Ao sistematizar os setores mais associados à EP e as promessas atribuídas à inovação e ao empreendedorismo prateado, a pesquisa fornece subsídios para empresas, governos e organizações da sociedade civil refletirem sobre os limites e possibilidades de suas ações. A Economia Prateada não pode se consolidar como política ou estratégia se estiver dissociada das condições reais da população idosa, que, no caso brasileiro, movimenta mais de R\$1,8 trilhão por ano, mas ainda enfrenta barreiras estruturais para envelhecer com dignidade.

A consolidação da EP exige mais do que expansão de mercados ou desenvolvimento de tecnologias. Requer diretrizes públicas claras, regulação ética, pactos intergeracionais e participação ativa das pessoas idosas na formulação de soluções. O Estado deve assumir seu papel de coordenação, articulando iniciativas nas áreas de saúde, trabalho, previdência, mobilidade, habitação e inovação. Ao mesmo tempo, a inovação tecnológica precisa ser aliada da acessibilidade, da simplicidade e da escuta, não da exclusão.

Finalmente, este estudo se alinha aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), especialmente no que diz respeito à promoção da saúde e bem-estar (ODS 3), ao trabalho decente e crescimento econômico (ODS 8), à redução das desigualdades (ODS 10) e à construção de sociedades mais inclusivas e resilientes (ODS 11). A Economia Prateada, compreendida em sua complexidade, pode ser vetor de transformação social e econômica, desde que pensada como compromisso coletivo e não apenas como oportunidade de mercado.

Essa revisão, ao mapear e analisar criticamente as contribuições da literatura internacional, oferece uma base sólida para futuras investigações, especialmente aquelas voltadas à realidade latino-americana. Mais do que sistematizar, ela propõe: que pensemos a longevidade como força produtiva e criativa, mas também como direito social. Que a EP não seja apenas sinônimo de novos mercados, mas um novo pacto social em torno do envelhecimento. E que as universidades, o Estado e o setor privado se reconheçam como coautores dessa transformação.

5 REFERÊNCIAS

Álvarez Díez, T., López Sanz, J. M., & de la Fuente Alonso, C. (2022). Economía plateada y emprendimiento, un área innovadora de futuro: Un marco de referencia académico, científico y empresarial. *Revista de Estudios Empresariales*, 1(1), 89–102.

Barković Bojanić, I., Dlačić, J., & Matić, M. (2024). Silver entrepreneurship: A golden opportunity for ageing society. *Economic and Business Review*, 24(1), 45–61.

Bieszk-Stolorz, B., Markowicz, I., & Górski, P. (2024). Multivariate analysis of the sustainable development of the silver economy in the European Union countries. *Sustainability*, 16(5), 10703. <https://doi.org/10.3390/su16110703>

Camarano, A. A. (2014). *Novo regime demográfico: uma nova relação entre população e desenvolvimento?* Rio de Janeiro: IPEA.

- Caridà, A., Colurcio, M., & Melia, M. (2022). The transformative power of technology to turn the silver economy into a gold society: A systematic literature review. *The TQM Journal*, 34(8), 1703–1722. <https://doi.org/10.1108/TQM-12-2021-0384>
- Colurcio, M., Caridà, A., & Melia, M. (2022). Fifty years of research on silver economy: A bibliometric analysis. *Management Decision*, 60(13), 58–80. <https://doi.org/10.1108/MD-12-2020-1742>
- ConFiPAR. (2023). *Cadernos do ConFiPAR – Conselhos e Fundos de Direitos da Pessoa Idosa do Paraná*. Curitiba: SEDES.
- Felix, J. (2016). Silver economy: Opportunities and challenges to Brazil adopt the European Union’s strategy. *Revista de Administração Pública e Gestão Social*, 8(1), 1–12.
- Galiza, T. (2022). *Economia da longevidade: o Brasil está pronto?* São Paulo: Hype60+.
- Griva, A., Chalari, E., Papadimitriou, D., & Karadimitriou, D. (2024). Strategic management of the silver economy: A European perspective. *Economic and Business Review*, 24(1), 5–22. <https://doi.org/10.15458/2335-4216.1364>
- Gschwendtner, C. (2020). Silver economy strategies: A comparative study of Japanese and South Korean governmental measures. *Vienna Journal of East Asian Studies*, 12(1), 1–28. <https://doi.org/10.2478/vjeas-2020-0003>
- Heffner, K., Czarnecki, A., & Gibas, P. (2019). Challenges of regional development in the context of population ageing: Analysis based on the example of Opolskie Voivodeship. *Bulletin of Geography. Socio-economic Series*, 45, 65–75. <https://doi.org/10.2478/bog-2019-0035>
- IBGE. (2024). *PNAD Contínua 2023: acesso à internet e uso de tecnologias por faixa etária*. Rio de Janeiro: IBGE.
- Klimczuk, A. (2016). Comparative analysis of national and regional models of the silver economy in the European Union. *International Journal of Ageing and Later Life*, 10(2), 31–59.
- Klimczuk, A. (2021). Combating ageism through the silver economy. In J. Wilkinson, L. Pedersen, & L. Killick (Eds.), *Ageing societies and the silver economy: Global perspectives on policies, innovations and best practices* (pp. 129–150). Emerald Publishing.
- Lipp, B., & Peine, A. (2022). Ageing as a driver of progressive politics? What the European Silver Economy teaches us about the co-constitution of ageing and innovation. *Innovation: The European Journal of Social Science Research*, 35(1), 1–20. <https://doi.org/10.1080/13511610.2022.2034656>
- Oget, N. (2021). When economic promises shape innovation and networks: A structural analysis of technological innovation in the silver economy. *Innovation: The European Journal of Social Science Research*, 34(1), 43–60. <https://doi.org/10.1080/13511610.2020.1849787>
- ONU – Organização das Nações Unidas. (2022). *World population ageing 2022*. New York: United Nations.

- Plataforma Longevidade. (2024). *Caderno da longevidade*. São Paulo: Longevidade Expo + Fórum. <https://www.plataformalongevidade.com.br>
- Ramos, L. R., Kalache, A., & Veras, R. P. (2021). Saúde da população idosa: necessidades e desafios. In Ministério da Saúde (Org.), *Saúde Brasil 2021: uma análise da situação de saúde e da qualidade de vida* (pp. 63–98). Brasília: Ministério da Saúde.
- REAA – Rede de Envelhecimento Ativo da América Latina. (2023). *Documento de princípios para políticas públicas de longevidade com justiça social*. Buenos Aires: REAA.
- Roszko-Wójtowicz, E., Rozkrut, M., & Wójcicka, M. (2024). Differences in seniors' standard of living and their impact on the development of the silver economy across Europe. *Bulletin of Geography. Socio-economic Series*, 66, 57–72. <https://doi.org/10.12775/bgss-2024-0004>
- Santos, B. de S. (2020). *O futuro começa agora: da pandemia à utopia*. São Paulo: Boitempo.
- Söylemez, E., & Ay, M. (2022). Practices of age-friendly cities in Turkey. *Journal of Aging Studies*, 55, 100881. <https://doi.org/10.1016/j.jaging.2020.100881>
- Stephens, H. (2023). Entrepreneurial retirement and family business: A perspective article. *Journal of Family Business Management*, 13(4), 1–9. <https://doi.org/10.1108/JFBM-07-2023-0099>
- UFV – Universidade Federal de Viçosa. (2022). *Aspectos metodológicos utilizados na elaboração de revisões de literatura: RE, RS e RI*. Viçosa: Projeto Carreiras.
- United Nations Department of Economic and Social Affairs. (2024). *The Sustainable Development Goals report 2024*. United Nations.
- Urrutia Serrano, J. (2018). Envejecimiento activo: un paradigma para comprender y gobernar. *Revista Española de Geriatria y Gerontología*, 53(1), 12–20.